

Lançamento de material psicoeducativo sobre *distress* psicológico dirigido aos progenitores e crianças

Instruções para os agentes de primeira linha a trabalhar no acolhimento



Sobre as instruções

O que captam estas instruções?

As instruções acompanham um conjunto de ferramentas de autoajuda desenvolvidas pela EUAA como parte de um pacote de orientações sobre **a saúde mental e o bem-estar dos requerentes de proteção internacional**. Os instrumentos de autoajuda podem ser utilizados pelos requerentes de proteção internacional de forma independente, desde que sejam alfabetizados e não queiram ou não necessitem da orientação dos funcionários que trabalham no local onde vivem.

As presentes instruções referem-se aos livros de bolso:

- [How can I support my child during difficult times? \[Como posso apoiar o meu filho nos momentos difíceis?\]](#)
– Um instrumento de autoajuda para os progenitores
- [How can I deal with situations in which my parents seem sad, worried, or angry? \[Como é que posso lidar com situações em que os meus progenitores parecem tristes, preocupados ou zangados?\]](#)
– Uma ferramenta de autoajuda para as crianças
- [How to handle situations when my friend or sibling is sad, angry or does dangerous things? \[Como lidar com situações em que o meu\(minha\) amigo\(a\) ou irmão\(ã\) está triste, zangado\(a\) ou faz coisas perigosas?\]](#)
– Uma ferramenta de autoajuda para o apoio entre pares.

Por que razão foram elaboradas estas instruções?

Estas instruções ajudam os agentes de primeira linha que trabalham no acolhimento a sensibilizar os progenitores, as crianças e os jovens requerentes para a forma de apoiar os membros da família e os seus pares em tempos difíceis, nomeadamente quando o *distress* psicológico é elevado e se acumularam potenciais traumas.

Como foram elaboradas estas instruções?

O presente documento complementa o conjunto de livros de bolso acima referido, que foi desenvolvido com o apoio de peritos da Bélgica, da Alemanha, da Grécia, dos Países Baixos e da Suécia. Os livros de bolso foram testados com requerentes de proteção internacional, mediadores e refugiados que vivem sobretudo na Grécia e nos Países Baixos. Durante os testes, os utilizadores indicaram a necessidade de instruções para apoiar o lançamento dos livros de bolso.

Quem deve utilizar estas instruções?

Embora os livros de bolso possam ser utilizados diretamente pelos progenitores, pelas crianças e pelos requerentes menores não acompanhados para apoiar os seus familiares e pares, estas instruções destinam-se aos **profissionais**. Têm por finalidade apoiar o pessoal de primeira linha que trabalha no acolhimento, como assistentes sociais, especialistas em proteção de crianças, profissionais de saúde mental, mas também professores, etc., quando interagem com os requerentes em reuniões individuais ou de grupo. Nas situações em que se aplica uma abordagem de base comunitária, os **líderes da comunidade** também podem utilizar as instruções para sensibilizar para os temas abrangidos pelos livros de bolso.

De que forma estas instruções estão relacionadas com outros instrumentos da EUAA?

O presente documento e o conjunto de ferramentas de autoajuda a que se refere fazem parte dos esforços da EUAA para desenvolver o conhecimento e a sensibilização em torno do tema da **saúde mental e do bem-estar** dos requerentes de proteção internacional. Estão disponíveis mais informações na página dedicada à vulnerabilidade do [sítio Web da EUAA](#).

Os livros de bolso e estas instruções são também divulgados na plataforma EUAA *Let's Speak Asylum* [[Vamos falar sobre asilo](#)], que se centra especificamente na **prestação de informações** aos requerentes de proteção internacional.

Em caso de perguntas, necessidade de esclarecimentos ou outras observações sobre o conjunto de ferramentas de autoajuda e o seu lançamento, contacte vulnerablegroups@euaa.europa.eu.

Índice

3

- > Como utilizar estas instruções
- > Finalidade dos livros de bolso
- > Facilitação

4

- > Horário, configuração e conteúdo

9

- > Outras considerações importantes e salvaguardas básicas

Como utilizar estas instruções

O conteúdo, os lembretes e as dicas partilhados nos livros de bolso podem funcionar como estímulos para falar sobre um assunto específico em sessões individuais ou em grupo. Estas instruções apresentam algumas orientações básicas sobre a forma de utilizar os guias de bolso em tais contextos.

Os três livros de bolso abordam o tema do *distress* psicológico, nomeadamente após vivenciar acontecimentos traumáticos, na perspetiva de três grupos-alvo diferentes: progenitores, filhos e irmãos/pares.

Os agentes de primeira linha podem utilizar os livros de bolso e estas instruções para organizar sessões individuais ou em grupo com a comunidade requerente sobre os seguintes temas:

- paternidade;
- *distress* psicológico ou trauma;
- como reduzir o risco de adaptação negativa em momentos muito desafiantes (por exemplo, à chegada);
- como perceber quando alguém não está emocionalmente bem (por exemplo, sinais de depressão);
- como manter-se seguro quando alguém apresenta um comportamento problemático (por exemplo, começa a consumir álcool).

Finalidade dos livros de bolso

Os três livros de bolso visam apoiar progenitores, crianças e pares que chegaram à Europa e constataam que o comportamento dos seus familiares ou amigos mudou consideravelmente. A mudança pode manifestar-se de formas diferentes e determinadas pessoas podem ser mais afetadas do que outras. As ferramentas fornecem dicas e lembretes básicos sobre a forma de ajudar estas pessoas a sentirem-se melhor e sugerem

quando pode haver necessidade de solicitar apoio profissional.

As ferramentas tentam criar **literacia básica em saúde mental** e responder a perguntas como «*Como posso perceber se alguém próximo de mim está sem sofrimento?*». Visam igualmente reforçar a **eficácia e a resiliência** individuais e coletivas das pessoas envolvidas.

Funcionam como ferramentas de autoajuda e são concebidas para serem utilizadas pelos próprios requerentes. No entanto, pode haver situações em que os requerentes se sintam mais à vontade para analisar o conteúdo com outras pessoas. Por conseguinte, também podem ser debatidas em sessões individuais ou em grupo orientadas por um profissional.

As ferramentas também tentam chamar a atenção para considerações sobre **proteção** e o princípio de **não prejudicar**, mormente quando estão envolvidas crianças. O objetivo é garantir que as crianças se protejam antes de tentarem apoiar outras pessoas que, de outro modo, podem colocá-las numa situação potencialmente perigosa, violenta ou abusiva.

Facilitação



Facilitadores e interpretação em sessões de grupo

Quando os livros de bolso são utilizados para **sensibilizar** no contexto de **reuniões de grupo**, o grupo não deve exceder **10 a 15 requerentes**, a fim de permitir debates substantivos.

É aconselhável ter **um facilitador principal** que orienta o debate e um **cofacilitador** que fica mais na retaguarda e toma notas. O cofacilitador também acompanha a dinâmica do grupo (por exemplo, se surgem tensões ou outras emoções em certos requerentes relacionadas com um tema específico), toma nota de eventuais observações e envia-as ao facilitador sempre que necessário.

Se for necessário um **intérprete**, o grupo deve ser mais pequeno e não deve exceder **4 a 6 requerentes**. Tal deve-se ao facto de a tradução demorar um tempo precioso e, se o número de pessoas que necessitam de interpretação for superior a 4-6, existe o risco de o tempo atribuído ao debate não ser suficiente.

Para grupos mais pequenos apoiados por um intérprete, pode não haver necessidade de cofacilitador. Cabe ao facilitador decidir quem é necessário para apoiar o processo com cada grupo de requerentes. Como regra de ouro, certifique-se de que o facilitador, o cofacilitador e o intérprete não ultrapassam o número de participantes efetivos.

Os intérpretes devem preparar-se para a missão através da leitura prévia dos livros de bolso, a fim de garantir que os conteúdos são claros para eles e aprender o vocabulário correto. É importante recordar ao intérprete que deve traduzir literalmente o que é dito, sem qualquer parcialidade.

Os facilitadores têm de ser competentes em matéria de sensibilização no contexto de grupos. Quando estão envolvidos requerentes que sejam crianças, os facilitadores devem também ter uma sólida compreensão da proteção e da salvaguarda das crianças.

Horário, configuração e conteúdo



Horário

Tanto as reuniões de grupo como as reuniões individuais devem ser agendadas para uma altura em que os participantes possam participar sem problemas ou distrações (por exemplo, após o trabalho/a escola ou, no caso dos progenitores, quando os filhos se encontram na escola). A **duração de cada sessão** não deve exceder 1,5 horas. Depois disso, a capacidade de concentração diminui e os participantes poderão estar ocupados com outras atividades.



Local

O local das reuniões deve ser debatido com os participantes. Idealmente, o local deve ser seguro, facilmente acessível, incluindo para pessoas com deficiências físicas, e permitir a privacidade. Os participantes e os facilitadores podem sentar-se em cadeiras em círculo, a fim de assegurar que todos se possam ver e ouvir facilmente. Quando o grupo inclui progenitores e crianças mais pequenas, sentar-se no chão em cima de um tapete (se for culturalmente adequado) pode ser uma alternativa útil para que as crianças possam gatinhar e brincar perto do(s) seu(s) progenitor(es) sem perturbar a sessão.



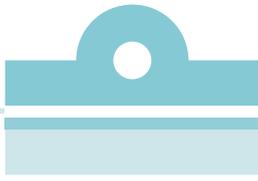
Composição do grupo e reuniões em grupo

Ao formar o **grupo**, os facilitadores devem ter em conta fatores como as línguas faladas, o género, a idade, bem como as origens culturais e religiosas dos participantes. Ao organizar reuniões para os progenitores, deve também avaliar-se se ambos os progenitores devem participar na mesma sessão ou se será melhor separá-los. O objetivo é evitar situações em que abordagens potencialmente diferentes da parentalidade possam originar discussões suscetíveis de agravar ainda mais a situação em casa e pôr em risco o bem-estar da criança.

As reuniões de grupo são um formato útil para reunir os requerentes e partilhar não só os desafios que enfrentam, mas também expectativas, informações pertinentes ou simplesmente divertir-se e abstrair-se da vida quotidiana no centro de acolhimento. A vantagem de ter um facilitador a liderar estas reuniões é a de que os participantes estão protegidos: por exemplo, quando o grupo debate um tema difícil e os agentes de primeira linha precisam de intervir. As reuniões de grupo também constituem uma oportunidade para os facilitadores identificarem requerentes com vulnerabilidades possivelmente multifacetadas que possam necessitar de acompanhamento.

As reuniões de grupo são uma boa forma de aprofundar conjuntamente determinados temas e de perceber que «ninguém está sozinho». Proporcionam uma plataforma para os candidatos partilharem os seus conhecimentos e aprenderem uns com os outros, o que pode ser capacitante a vários níveis. Essas reuniões podem também apoiar a criação de novas amizades e ligações com outros requerentes e, idealmente, conduzir à criação de redes de apoio social.

Sempre que se considere que as sessões de grupo constituem o melhor formato, é importante assegurar que, no início das sessões de grupo, os participantes cheguem a acordo sobre as suas próprias **regras de grupo**. As regras serão formuladas uma vez e aplicáveis sempre que o grupo se reunir (uma única vez ou para mais sessões de grupo).



Exemplo de regras de grupo

- ✓ Respeito mútuo.
- ✓ Permitir que todos falem, mas também permitir que os participantes apenas escutem.
- ✓ Não existem opiniões erradas, corretas ou mais importantes. [A única exceção é quando alguém defende castigos corporais. Neste caso, o facilitador deve intervir e explicar, usando de um certo tacto, que nunca é aceitável qualquer forma de violência.]
- ✓ Todas as pessoas podem expressar as suas ideias livremente.
- ✓ Os participantes não podem entrar e sair das sessões quando lhes apetece.
- ✓ Não são permitidas chamadas telefónicas durante a reunião.
- ✓ Os telefones estão no modo silencioso.
- ✓ **Confidencialidade:** os temas gerais abordados nos livros de bolso podem ser partilhados com outros membros da comunidade. Mas os assuntos pessoais partilhados pelos participantes não devem sair do grupo.
- ✓ As reuniões de grupo devem ser um espaço seguro para partilhar pensamentos e preocupações.

A potencial falta de confidencialidade é uma **limitação das reuniões de grupo**. Os participantes podem «esquecer» as regras de grupo, nomeadamente o princípio da confidencialidade. Por conseguinte, os facilitadores devem recordar aos membros do grupo que não devem partilhar experiências muito pessoais, porquanto as reuniões de grupo não são uma sessão de aconselhamento. Os temas muito importantes/pessoais podem ser abordados após a reunião com os facilitadores. Embora as reuniões de grupo devam ser consideradas espaços «seguros» para aprender e partilhar, nunca se pode garantir que as informações debatidas não sejam divulgadas a outros membros da comunidade, o que implica um risco.

Em certos casos, pode ser útil realizar sessões familiares privadas que reúnam um progenitor e um filho que se sintam afetados pelo sofrimento emocional e pelas diferentes formas de lidar com ele. Neste caso, um assistente social ou um profissional de saúde mental deve facilitar a sessão. No entanto, essa configuração deve ser alcançada por fases, começando porventura com sessões individuais em primeiro lugar e, em seguida, reunindo os participantes, dependendo do contexto e dos desafios enfrentados.



Conteúdo

Os livros de bolso apresentam **sinais básicos** e algumas **reações comuns** que é possível perceber quando uma criança, um adolescente, um amigo, um irmão ou um progenitor está potencialmente em sofrimento. Os temas enumerados nas ferramentas abrangem uma série de potenciais situações de sofrimento, bem como dicas e lembretes sobre como reagir. Nem todos os requerentes terão o mesmo interesse em todos os domínios e os conteúdos abordados não são exaustivos. Por conseguinte, incentiva-se os facilitadores a convidar os requerentes a apresentarem os seus próprios exemplos e sugestões sobre o que pode ou não ser útil.

De um modo geral, o debate em grupo deve abranger conteúdos que sejam úteis para os participantes. Por conseguinte, os **participantes escolherão, orientarão** e, em certa medida, **dirigirão o que será abrangido por uma sessão**.

As sessões visam proporcionar aos participantes ferramentas para ajudar os seus familiares e amigos a sentir-se melhor. No caso das crianças, a principal mensagem a transmitir é a de que as crianças devem dar prioridade à sua própria segurança.



Como partilhar os conteúdos

Dependendo da composição do grupo e das necessidades dos participantes, pode **partilhar os conteúdos** dos livros de bolso de diferentes formas. Veja abaixo as possíveis opções.

- Forneça uma versão impressa da ferramenta a cada participante, para que o grupo a leia em conjunto.
- Se possível, projetar o conteúdo numa parede e lê-lo em voz alta na língua dos participantes (utilizar a versão traduzida e o apoio de um intérprete, se necessário). Enquanto facilitador, terá de consultar a versão na língua do seu Estado-Membro.
- Pré-selecione um número de páginas, imprima-as como cartazes e coloque-as nas paredes da sala de reunião. Os participantes podem percorrer os cartazes e discutir em pares/grupos mais pequenos o que veem, leem, compreendem, bem como quaisquer pontos adicionais que gostariam de acrescentar. O debate prossegue depois no grupo maior.
- Imprima os sinais, lembretes e dicas em cartões de memória e coloque-os virados ao contrário no meio do grupo de participantes. Os participantes escolhem cartões, leem-nos em voz alta (ou o facilitador/intérprete lê-os), refletem e debatem no grupo.



Como discutir o conteúdo com os participantes

Para que haja um debate substantivo, é importante assegurar que as diferenças de **idade, género** e **culturais** sejam salientadas.

As sugestões adicionais sobre a forma como os progenitores e as crianças normalmente reconhecem que alguém não está bem, como reagem e a quem recorrem podem ser debatidas durante as sessões de acompanhamento (individuais ou em grupo). Para garantir uma **abordagem sensível à cultura, à idade e ao género**, recomenda-se agrupar as sugestões com base no local de origem, no género, na origem religiosa e na idade dos candidatos.

Se os participantes não manifestarem qualquer preferência sobre quais dos domínios abranger a partir dos livros de bolso, pode proceder do seguinte modo:

- prosseguir **por sinais, reações e dicas** e cobrir um domínio por sessão; ou
- **agrupar os conteúdos** e abranger dois ou três domínios por sessão; ou
- abranger a ferramenta na íntegra **de uma só vez** (o facilitador lê o livro de bolso juntamente com os participantes e responde às perguntas apenas quando surjam).

Pode escolher qualquer uma das opções acima referidas, em função da dinâmica do grupo, da compreensão e das necessidades dos participantes.



Nota para o facilitador

Na secção seguinte encontrará sugestões sobre como facilitar as reuniões de grupo e interagir com os candidatos quando debate cada um dos livros de bolso.

Como posso apoiar o **meu filho** em momentos difíceis?

Facilitar uma reunião com os progenitores para discutir o comportamento e o bem-estar do seu filho jovem/adolescente

Exercício de introdução

Experimente começar com um pequeno exercício e pergunte aos participantes quais são os seus passatempos

e qual é a sua comida preferida. Termine perguntando-lhes de onde é que vêm. Os participantes partilham de forma sucinta. Esta atividade pode ser organizada de forma lúdica e não deve demorar mais de dez minutos. Terminar com a pergunta «De onde és?» ajuda o facilitador a avançar.

O facilitador chama a atenção para os diferentes países, regiões e cidades de origem dos participantes e indica que, devido a essa diversidade, também pode haver diferenças na forma como nos apercebemos de que alguém não está bem e no que podemos fazer para prestar apoio. O facilitador pergunta:

- No local de onde é proveniente, como é que as pessoas normalmente se apercebem quando alguém da família não está bem?
- O que é que normalmente os progenitores fazem quando veem que os seus filhos estão preocupados?

- O que é que os progenitores normalmente fazem para que os seus filhos se sintam melhor quando estão tristes ou preocupados? O que é que funcionou para si?
- Existem mecanismos de apoio no local onde vive atualmente que possam ser úteis?

Enquanto facilitador, ver se os membros do grupo são capazes de mencionar quaisquer serviços de apoio formal (por exemplo, assistentes sociais, enfermeiros) disponíveis no centro e potencialmente benéficos para todos os membros do grupo. Pode também verificar a disponibilidade de apoio informal, por exemplo, idosos que se encontram com jovens e ajudam os progenitores no exercício da paternidade, líderes religiosos, outros membros da comunidade, etc.



Os dois livros de bolso seguintes visam crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, mas também podem ser utilizados com jovens adultos. Se o grupo de participantes for constituído por crianças com menos de 12 anos, os facilitadores terão de adaptar a linguagem à idade dos participantes. Devem também garantir o superior interesse da criança em termos do que pode/deve ser partilhado e debatido, tendo em

conta a idade e a fase de desenvolvimento da criança. Estes elementos também esclarecerão sobre o formato a utilizar. Por exemplo, a leitura do conteúdo pode não funcionar com crianças pequenas. Não é aconselhável discutir o conteúdo dos livros de bolso com crianças com menos de 8 anos de idade. Em qualquer caso, o pessoal que interage com crianças mais jovens tem de possuir as competências pertinentes.

Como é que posso lidar com situações em que os meus progenitores parecem tristes, preocupados ou zangados?

Facilitar uma reunião com crianças para debater o comportamento ou o bem-estar dos seus progenitores

Exercício de introdução

Experimente começar com um pequeno exercício e pergunte aos participantes quais são os seus passatempos e qual é a sua comida

preferida. Termine perguntando-lhes de onde é que vêm. Os participantes partilham de forma sucinta. Esta atividade pode ser organizada de forma lúdica e não deve demorar mais de dez minutos. Terminar com a pergunta «De onde és?» ajuda o facilitador a avançar.

O facilitador chama a atenção para os diferentes países, regiões e cidades de origem dos participantes e indica que, devido a essa diversidade, também pode haver diferenças na forma como nos apercebemos de que alguém não está bem e no que podemos fazer para nos mantermos seguros e prestarmos apoio. O facilitador pergunta:

- Como se percebe que um adulto não está bem e pode estar a precisar de ajuda?
- Quando um adulto não está bem, como é que se comporta? O que é que fazem de forma diferente da habitual?

Faça uma pausa e veja o que foi partilhado pelo grupo de jovens. Prosseguir dizendo:

- Partilhaste alguns exemplos, tais como «comportam-se de formas estranhas, agem de forma diferente da que costumavam, etc.» [facilitador fazer referência aos exemplos apresentados pelos participantes]. Consegues pensar em coisas que os adultos podem fazer e que as crianças devem ter em atenção para garantir a sua segurança?

O facilitador escuta atentamente os jovens e toma nota do que partilham. O facilitador tenta cuidadosamente estabelecer uma ligação entre o que foi partilhado de um modo geral sobre adultos e o comportamento dos progenitores, utilizando também exemplos dos livros de bolso. É importante **não** se referir aos progenitores das crianças presentes no grupo. As crianças não devem sentir que a sua situação pessoal é discutida publicamente. O facilitador pode dizer, por exemplo:

- Partilhaste muitas coisas. Por vezes, mesmo os progenitores podem agir dessas formas.

O facilitador faz referência a sinais de depressão, por exemplo, quando uma pessoa não está interessada em participar em quaisquer atividades, não se preocupa com os filhos como antes. Tal deve desencadear um debate sobre o facto de que as experiências difíceis podem levar uma pessoa a comportar-se de forma diferente. Por exemplo,

durante algum tempo, um progenitor pode estar mais retraído, irritado, impaciente e ansioso. Isto é normal e a situação deve mudar novamente.

É importante salientar que a violência contra uma criança (física, verbal, psicológica ou mesmo sexual) não pode **nunca** ser desculpada. Não é aceitável que um progenitor se torne violento. É necessário salientar aos jovens participantes que, embora seja normal que um progenitor nem sempre seja educado, simpático e respeitador, porventura devido às circunstâncias difíceis, a violência não é aceitável.

Enquanto facilitador, certificar-se de que os participantes estão conscientes da importância de se manterem seguros. Para o efeito, indique os serviços de apoio disponíveis no estabelecimento de acolhimento para as crianças que vivem com um progenitor/cuidador agressivo ou que não se sentem bem.

Tente que as crianças partilhem **informações úteis** no seio do grupo sobre como se manter seguras. Podem mencionar pessoas (por exemplo, tutores), instituições, linhas de ajuda, etc., que podem contactar para obter apoio. **No entanto, tenha em atenção e faça perguntas sobre os mecanismos de apoio existentes apenas se tiver a certeza de que existe apoio disponível.** Se sabe que as crianças ficarão por sua conta e risco, tente ver de que forma pode ser organizado **apoio comunitário** para ajudar em situações difíceis.

É importante que as crianças não partilhem experiências pessoais. Uma **reunião de grupo não é uma sessão de aconselhamento.** Trata-se de uma conversa geral sobre os sinais de sofrimento nas pessoas que lhes são próximas. Se o facilitador constatar a necessidade de uma conversa mais aprofundada devido a implicações pessoais, a criança/os membros do grupo são informados de que podem contactar o(s) facilitador(es) para partilhar as suas preocupações pessoais **após** a reunião.



Como lidar com situações em que o meu amigo ou irmão está triste, zangado ou faz coisas perigosas?

Facilitar uma reunião com as crianças para debater o comportamento ou o bem-estar dos seus amigos/irmãos

Exercício de introdução

Experimente começar com um pequeno exercício e pergunte aos participantes

de onde são, quais são os seus passatempos, qual a sua comida preferida, etc. Os participantes partilham sucintamente. Esta atividade pode ser organizada de forma lúdica e não deve demorar mais de dez minutos. Depois, chame a atenção para o facto de que todos nós temos experiências diferentes, mas todos nós conseguimos perceber quando alguém não se encontra bem. Convide as crianças a dar exemplos, sem as levar a partilhar histórias pessoais. Pode perguntar:

- Como é que percebes que um amigo ou irmão não está bem?

Enquanto facilitador, tente incitar as crianças a falar sobre o que podem observar em termos de comportamento, mas também sobre o que podem ouvir: por exemplo, se um amigo/irmão mudou

a forma como fala (usa palavrões, fala de forma agressiva) ou começou a falar sobre temas como gangues, drogas ou semelhantes.

Discuta com os jovens a importância de ser leal a um amigo, desde que isso não ponha em risco a segurança de ninguém. Saliente que é importante ver quando um amigo/irmão está em perigo. Neste caso, poderá ser útil recorrer a um adulto de confiança para obter aconselhamento.

Enquanto facilitador, prepare-se para conhecer as formas negativas comuns de lidar com a situação adotadas pelos jovens no contexto em que trabalha. Escute atentamente o grupo e veja que informações adicionais poderá fornecer aos membros do grupo. Dependendo do que estiver a ser debatido, poderá querer partilhar ofertas de apoio relacionadas com saúde, planeamento familiar, serviços psicossociais, educação, clubes de trabalhos de casa, atividades desportivas, música/arte/atividades culturais para crianças/jovens, serviços de reabilitação (incluindo quando se trata de consumo de drogas).



Uma reunião de grupo não é uma sessão de aconselhamento. Por conseguinte, as experiências pessoais devem ser discutidas com a pessoa em causa **após** o final da reunião de grupo. **A segurança e a proteção da criança/adolescente são a principal preocupação.** Certifique-se de que encaminha casos específicos (requerentes que necessitam de apoio) para o prestador de serviços relevante, se disponível. Não se esqueça de discutir estas opções com a criança **apenas** se os serviços estiverem efetivamente disponíveis.

Durante as sessões de grupo, os facilitadores deverão agradecer os contributos oferecidos pelos requerentes e integrá-los de forma flexível no debate. Se os exemplos dados diretamente pelos participantes

se revelarem mais eficazes para desencadear uma conversa substantiva, é melhor utilizá-los em vez de se referir especificamente aos livros de bolso.

Outras considerações importantes e salvaguardas básicas

- Os participantes são informados da finalidade da(s) reunião(ões) individual(ais) ou de grupo. O calendário é acordado em conjunto e a participação é voluntária.
- Quando crianças integram reuniões de grupo, o seu cuidador é informado e concorda.
- Todos os participantes têm o mesmo espaço para partilhar as suas ideias, mas ninguém é pressionado ou forçado a tomar parte ativa no debate. Os debates de grupo devem ser equilibrados e não devem ser dominados apenas por um membro do grupo ou por um género.
- Embora em alguns contextos possa ser útil ter grupos mistos (por exemplo, ambos os progenitores participarem na mesma reunião de grupo ou ter um grupo misto de adolescentes), é geralmente mais adequado e seguro ter grupos homogéneos. Tal aplica-se particularmente quando a parentalidade ou os papéis de género são debatidos como parte de um pacote de apoio mais amplo aos progenitores. Por conseguinte, o facilitador deve analisar minuciosamente a situação antes de decidir que os casais participem juntos na mesma sessão. Deve ser assegurada uma abordagem de «não prejudicar» a todas as partes envolvidas.
- As contribuições não são discutidas em termos de «certo ou errado». A configuração do grupo deve ser considerada uma plataforma de aprendizagem conjunta sobre o que funciona bem ou menos bem. Uma exceção a esta regra é quando os castigos corporais a crianças ou outras formas de violência são promovidos por certos membros do grupo para «corrigir» uma criança ou um amigo. Se isso acontecer, o facilitador deve intervir, usando de um certo tacto, e promover alternativas a esse castigo. Os facilitadores devem estar cientes de que, em alguns países de origem dos requerentes, os castigos físicos podem continuar a ser legais, incluindo nas escolas. Embora deva ser promovida uma abordagem de **tolerância zero à violência**, tal deve ser feito **usando de um certo tacto**. Ao conversar com os progenitores, concentre-se em manter o diálogo aberto e em discutir competências de «boa parentalidade». O objetivo é garantir a segurança das crianças.

Para o efeito, poderá ser necessário discutir o que é aceitável no contexto da UE.

- O **foco** das conversas deve ser sempre **o que ajuda** os participantes a fazer com que os seus filhos, eles próprios, os seus familiares ou amigos se sintam mais seguros e melhor. Se os exemplos fornecidos nas ferramentas forem úteis para os participantes, podem ser utilizados para fins de debate. Se os exemplos apresentados pelo grupo forem mais úteis para o debate, não há qualquer problema em utilizá-los.
- Se um participante se encontrar numa situação de grave sofrimento no momento da sessão, deve receber atenção imediata por parte de pessoal de apoio especializado e ser apoiado individualmente. Neste caso, o conteúdo dos livros de bolso pode ser partilhado numa sessão individual, quando considerado útil. Os facilitadores devem evitar discutir assuntos muito pessoais relacionados com uma crise familiar num contexto de grupo. O objetivo é proteger o progenitor, a criança ou o amigo em questão e garantir que os seus problemas não sejam divulgados à comunidade.
- Quando os intérpretes fazem parte da comunidade de requerentes, os facilitadores terão de ter em mente que os mesmos poderão enfrentar desafios semelhantes aos dos restantes membros do grupo. É aconselhável conversar com o intérprete após as sessões.
- Tanto o facilitador como o cofacilitador devem anotar os pontos de debate para assegurar um acompanhamento dos requerentes em situação de necessidade e/ou dos seus filhos, irmãos e amigos.
- Em situações críticas (por exemplo, tentativa de suicídio), a informação deve ser partilhada com outros colegas, assegurando simultaneamente a confidencialidade do requerente. Quando necessário, poderá ser imprescindível o consentimento dos familiares ou dos prestadores de cuidados para permitir o apoio eficaz e seguro de todas as pessoas envolvidas.

A Agência da União Europeia para o Asilo (EUAA), ou qualquer outra pessoa agindo em seu nome, não pode ser responsabilizada pela utilização que possa ser dada às informações abaixo apresentadas.

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2024

PDF ISBN 978-92-9410-323-9 doi:10.2847/920 BZ-09-23-324-PT-N

© Agência da União Europeia para o Asilo, 2024

Ilustração da capa: ©Mary Long/stock.adobe.com; ©KeronnArt/stock.adobe.com; ©The img/stock.adobe.com; ©Good Studio/stock.adobe.com; ©Natalia/stock.adobe.com, página 3 a 6: ícones © Panuwat/stock.adobe.com, página 5: ©iStock.com/vasabii, página 6: ©Mary Long/stock.adobe.com; ©KeronnArt/stock.adobe.com, página 7: ©The img/stock.adobe.com, página 8: ©Good Studio/stock.adobe.com; ©Natalia/stock.adobe.com.

Reprodução autorizada mediante indicação da fonte. É necessário obter autorização junto dos detentores dos direitos de autor para a utilização ou reprodução de fotografias ou outro material que não esteja protegido pelos direitos de autor da EUAA.



■ Serviço das Publicações
da União Europeia

